

O lugar chamado Candelária: A Zona sul da Mangueira ¹

João MAIA²
Mônica NEUSTADT³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, RJ

Resumo

Este artigo pretende apresentar algumas das peculiaridades e do cotidiano da Candelária, comunidade pertencente ao complexo de favelas da Mangueira, na zona Norte do Rio de Janeiro. Lugar em que o tempo parece passar mais lentamente, em que o imperativo do relógio tão marcante na metrópole comunicacional contemporânea, não tem tanta importância para os moradores que ocupam e vivenciam essa região de uma maneira particular. As culturas provenientes de Minas gerais permanecem enraizadas, valorizadas e defendidas por seus habitantes. Eles se sentem diferentes em relação às outras partes da favela, considerando-se a zona sul da Mangueira.

Palavras-chave: Cotidiano; culturas; tradição; lugar; Candelária.

Introdução

Ao entrar pela primeira vez na Candelária, comunidade do complexo de favelas da Mangueira, na zona norte do Rio de Janeiro, é difícil saber em que prestar atenção primeiro. Se nos sons, que são vários, intensos e misturados, se nas construções, sempre “em movimento” ou no comportamento dos moradores, que falam alto sem a menor cerimônia no meio da rua e param para colocar a conversar em dia em qualquer espaço, seja no meio das vielas, colocando cadeiras de plástico, formando pequenos círculos, seja na porta das casas, dos bares, ...

¹ Trabalho apresentado no GP geografias da Comunicação do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Sociologia pela Université Paris Descartes. Professor da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – FCS- UERJ. Coordenador do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade – CAC. cac_mangueira@hotmail.com.

³ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e membro do Grupo de Pesquisa Comunicação, Arte e Cidade - CAC. monicaneustadt@gmail.com.

É uma comunidade “pulsante”, mas ao mesmo tempo, harmônica. Apesar de todas essas “informações” que se apresentam para o pesquisador, após uma convivência mais assídua, foi possível perceber que há uma “ordem” nesse lugar.

Lugar (Tuan, 1983) em que os moradores acolhem pessoas que acabaram de conhecer, que convidam para sentar e conversar sem pressa. Lugar em que o tempo parece parar, em que o instante vivido é saboreado e sentido intensamente. Segundo a líder comunitária, Kely Louzada, nascida e criada dentro da comunidade, “a Candelária é coração de mãe, quem vem se apaixona, quem vem gosta de ficar aqui”⁴.

Lugar recheado de histórias miúdas (Dosse, 2003), de tradições, de culturas (Burke, 2005) provenientes de cidades de Minas Gerais que vieram com as primeiras gerações de moradores que foram viver na região.

Lugar em que o respeito aos mais velhos, a valorização da família, a importância da educação para as crianças e o espírito solidário entre as pessoas fazem parte do cotidiano.

Os diversos tempos na Candelária

O tempo que passa aparentemente de modo lento, num lugar cheio de marcas de construções que não acabam jamais. Moradores conversam de forma descontraída e sem pressa na porta de casa em uma tarde de verão, jovens circulam de bicicleta em ziguezague com cortes de cabelo à moda antiga de Neymar⁵, meninos e meninas leem histórias e montam quebra-cabeças em um espaço dedicado às crianças da comunidade, marmanjos sentados em cadeiras de plástico em um bar bebericam e jogam conversa fora. Uma varanda de uma das casas vira salão de beleza, onde a jovem manicure, com o auxílio de uma pequena luminária de mesa, pinta e enfeita as unhas de vaidosas moradoras. E os sons? São muitos e para todos os gostos e gêneros musicais. Basta dar uma rápida “circulada” para ouvir funk, pagode, gospel, samba e muito mais. Muito prazer! Você chegou à região mais verde e rosa da cidade. Descobriu? Exatamente o que pensou. Bem-vindo à Mangueira, mais precisamente na entrada do bairro da Candelária.

⁴ Entrevista de Kely Louzada realizada em outubro de 2013.

⁵ Neymar é jogador do Barcelona e da Seleção Brasileira de futebol. É conhecido por sua preocupação com o visual e visto como referência de tendências, principalmente para os jovens, como o corte de cabelo moicano, de origem indígena. O estilo caracteriza-se por uma “crista” no meio da cabeça, e as laterais do cabelo são raspadas. Atualmente, Neymar já mudou seu visual.

Essa é apenas uma imagem formada por um caleidoscópio colorido e fascinante que se pretende tentar compreender dessa comunidade cheia de gostos, jeitos, perfumes, histórias do cotidiano, que, passadas de geração em geração pelos moradores mais antigos, desenham uma representação desse lugar chamado Candelária. Pode-se utilizar o estudo de Hobsbawn (1984) ao trabalhar a transmissão de informações presente na comunidade. Ele utiliza a ideia de tradições inventadas para nomear o conjunto de práticas, rituais ou simbólicas, regulado por normas aceitas pelo grupo, tendo como objetivo desenvolver, na cultura, determinados valores de comportamento, por meio de uma relação com o passado, feita pela repetição constante dessas práticas. Na visão do historiador, a tradição possui como característica: a invariabilidade, ou seja, um conjunto de práticas fixas, as quais, sendo sempre repetidas de uma mesma maneira, levariam ao passado real ou imaginário.

Vale ressaltar, no entanto, que não é de hoje que essas histórias miúdas do dia a dia, que se pretende conhecer na Candelária, começaram a ter espaço e importância no meio acadêmico. Desde o início do século XX, no momento em que Marcel Mauss realizou um trabalho de observação em tribos primitivas australianas que praticavam manifestações religiosas, essa perspectiva foi incluída. O estudo desses ritos facilitou a compreensão de como eram estruturados outros tipos de sociedade. Mauss percebeu que esses grupos formavam sua vida social para além do indivíduo, reconhecendo que a sociedade é organizada pela associação entre homens.

A partir de Mauss, percebe-se a construção do conceito de representações, contribuindo imensamente para conceber o novo olhar da História, conforme destaca Sandra Pesavento (2008, p.24):

A introdução desse conceito-chave no âmbito das ciências humanas foi fundamental para a recuperação das dimensões da cultura realizadas nos anos 80 pelos historiadores, pela atenção que dava ao processo de construção mental da realidade, produtor de coesão social e de legitimidade a uma ordem instituída, por meio de ideias, imagens e práticas dotadas de significados que os homens elaboravam para si. Da mesma forma Mauss e Durkheim foram, em certa medida, introdutores da aproximação do campo da história com o de uma Antropologia Cultural.

Esse contexto, é importante lembrar os propósitos de renovação dos estudos históricos dos precursores da escola dos *Annales* que possibilitaram mudanças e inovações no discurso. No início do século XX, os fundadores Marc Bloch e Lucien Febvre propuseram, por exemplo, a ruptura de conceitos positivistas e a “socialização” da História a outros campos das Ciências Sociais.

Apresenta-se imediatamente como uma escola militante, à margem, que clama por socorro às Ciências Sociais para desestabilizar a história historicizante hegemônica; [...] Essa escola recusa todo o dogma, toda a filosofia ou teoria da história, daí a grande plasticidade e mobilidade e a capacidade de integração no maior campo de pesquisa possível. (DOSSE, 2003, p.26)

Com a amplitude da reflexão da História para diferentes territórios, a perspectiva francesa alavancou a integração com outros campos de estudo, como a Linguística, a Antropologia e, principalmente, a Sociologia, por meio da influência de Émile Durkheim. Pela visão dos *Annales*, a orientação das pesquisas se modifica, os historiadores utilizam instrumentos de análise da Etnografia, possibilitando um novo olhar para as margens, ao avesso dos valores estabelecidos, em que o reprimido torna-se portador de sentido. A curiosidade dos pesquisadores volta-se para outros grupos anteriormente excluídos da perspectiva acadêmico-científica, como os loucos, as feiticeiras e os transgressores. (Dosse, 2003, p.248)

A Nova História concentra-se na busca das tradições, ao valorizar o tempo que se repete, nas voltas e reviravoltas dos indivíduos, abandonando os movimentos voluntaristas de mudança em direção à memória cotidiana das pessoas comuns. (Dosse, 2003, p.249). A preocupação com os estudos da história econômica, social, globalizante é deixada para trás, colocando-se, em seu lugar, um viés cultural, simbólico, em que a importância encontra-se nas histórias miúdas, na sociedade fragmentada, em situações banais, sendo interessantes instrumentos para se tentar compreender o dia a dia de um determinado grupo social.

Nesse contexto, pretende-se pesquisar a Candelária, localidade pertencente ao complexo de favelas da Mangueira. A ideia não é saber a versão oficial, mas sim tentar compreender por meio dos “causos” e histórias contadas pelos moradores, as peculiaridades dessa região.

Retomando a linha teórica, é importante ressaltar que não apenas a escola francesa, mas também historiadores marxistas ingleses se interessaram pela história social, tanto que, nos anos de 1960 e 1970, eles deixaram de lado os relatos históricos de lideranças e instituições políticas e voltaram-se para a pesquisa da vida cotidiana, como, por exemplo, de operários, mulheres e de grupos étnicos (Hunt, 1992).

Portanto, a escola dos *Annales* e a vertente neomarxista (Pesavento, 2008) possibilitaram a impulsão dessa nova corrente de estudos denominada de História Cultural

voltada para situações banais do dia a dia que não eram reconhecidas anteriormente como objeto de pesquisa.

A partir da década de 60, os pesquisadores dos Estudos Culturais defendiam que a cultura caracterizava-se por uma rede de práticas e relações que formavam a vida cotidiana, em que o papel do indivíduo encontrava-se em primeiro plano. Segundo Escosteguy (2001), a preocupação voltava-se para os produtos da cultura popular e dos *mass media*, que expressavam os rumos da cultura na contemporaneidade.

Percebe-se que a cultura popular ganhou destaque na investigação, deixando para trás a dicotomia e a hierarquização entre práticas promovidas pelas culturas alta e baixa ou superior e inferior, o que possibilitou o reconhecimento e a valorização da história oral e da memória popular.

Mas vale a pena voltar um pouco na História e lembrar que o termo cultura tinha uma definição bem mais restrita. Ancora-se, pois, na visão de Burke (2005), em que o vocábulo referia-se especificamente às artes e às ciências. Posteriormente, ele foi utilizado para descrever seus equivalentes populares, como música folclórica e medicina popular. Somente tempos depois que o termo cultura ampliou suas utilizações. “Na última geração, a palavra passou a se referir a uma ampla gama de artefatos (imagens, ferramentas, casas e assim por diante) e práticas (conversar, ler, jogar)”. (Burke, 2005, p.43)

É importante destacar ainda que, entre as décadas de 1960 e 1990, com a aproximação da História Cultural em direção à Antropologia, a palavra cultura “ganhou” um “s”, ou seja, houve uma expansão de seu sentido. Remete-se aqui novamente a Burke (2005), que fez um levantamento muito interessante sobre títulos de livros publicados nos anos 90, que revelam exatamente essa multiplicidade cultural.

[..] “A cultura do jogo”, “a cultura do seguro de vida”, “a cultura do amor”, “a cultura do puritanismo”, “a cultura do absolutismo”, “a cultura do protesto”, “a cultura do segredo” e “a cultura da polidez”. Até mesmo a “cultura da arma” encontrou seu historiador. “Estamos a caminho da História Cultural de tudo: sonhos, comida, emoções, viagem, memória, gesto, humor, exames e assim por diante.” (BURKE, 2005, p.46).

Baseia-se neste universo tão rico de culturas múltiplas e híbridas (Canclini, 2006), ao pesquisar, investigar e – por que não dizer – mergulhar nesse mundo comunitário da Candelária. Um bar, uma pelada na quadra de futebol, as festas de aniversário, os encontros casuais de moradores nos becos, tantas outras formas de vivenciar experiências (Maffesoli, 2007) e o cotidiano são instrumentos de investigação.

No próximo item deste artigo, apresentar-se-á alguns locais de confraternização dentro da comunidade, em que os moradores se reúnem, seja em uma tarde qualquer, para colocar os papos em dia, seja para comemorar o aniversário de um vizinho ou parente.

Os lugares de encontro

Um desses lugares dentro da Candelária é o bar, principalmente para quem permanece a maior parte do tempo dentro da comunidade e não tem o hábito de interagir e de circular por outras partes⁶ do morro. “Ainda é e continuará sendo porque é o ponto principal do pessoal que não vai a baile, pessoal que não vai jogar futebol lá do outro lado, que não tem outro tipo de opção, já é um bom ponto de encontro”⁷; “Os bares. Tem o Fusquinha, tem esses outros aqui também que as pessoas fazem encontro, todos esses agora [referindo-se aos estabelecimentos que ficam na entrada da Candelária]. A gente chama pelo nome do dono. Um é da Quita, o outro é da Rose”⁸; “Sempre tem aquela turminha, né? Uma turminha que para aqui, a outra turminha lá da frente. Cada barzinho que tem, tem um grupinho certo”⁹.

Mas se engana quem pensa que os bares são os únicos lugares de confraternização dentro da comunidade. Os moradores promovem uma ressignificação dos espaços dentro da favela, em que a relação entre o público e o privado se mistura, se embaralha e se entrelaça. A dicotomia entre a casa e a rua não faz parte do cotidiano da Candelária. São duas situações integradas que compõem o espaço, que, por meio da apropriação realizada pelos atores sociais, transforma-o em territórios.

Segundo Haesbaert (2004, p.1), o conceito de território nasce etimologicamente com uma dupla conotação material e simbólica, sendo a primeira relacionada a terra-*territorium* e a *terreo-territor* (terror), uma referência à dominação jurídico-política da terra, como também à inspiração do terror, do medo, principalmente para aqueles que ficam impedidos

⁶ O Morro da Mangueira é dividido em várias localidades, como Candelária – considerada pelos moradores como a primeira área habitada na favela –, Buraco Quente, Olaria, Pedra, Telégrafo, entre outros. A própria comunidade, entretanto, não sabe e nem se preocupa em identificar com precisão os limites geográficos de cada parte da favela.

⁷ Trecho de entrevista de Airton, ex-presidente da Associação de moradores da Candelária.

⁸ Trecho de entrevista de Cremilda, mais conhecida como Nem, realizada em abril de 2013.

⁹ Trecho de entrevista de Seu Rubinho, de 65 anos e, há 45, morador da Candelária, realizada em julho de 2013.

de entrar. Os sujeitos, porém, que têm o privilégio de usufruir de determinado território apresentam uma relação de identificação positiva e de “apropriação”. Portanto, todo o território é, ao mesmo tempo, funcional, simbólico e mítico, “pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir “significados” (Haesbaert, 2004, p.1).

Essa significação simbólica carregada de marcas do “vivido” (Lefebvre, 1986), do valor de uso, encontra-se na Candelária durante a apropriação da rua como um território de comemoração. “Aqui a gente não tem casa de festa, a nossa casa de festa é na rua. Então as festas são feitas na rua ou na porta dos bares¹⁰.

Neste instante, é importante trazer a contribuição do geógrafo humanista Yi Fu Tuan (1983), em relação às ideias de espaço e lugar. Apesar de não possuírem o mesmo significado, constantemente verifica-se, em textos, a substituição de uma palavra pela outra. Segundo Tuan, o espaço possui uma perspectiva abstrata; em contrapartida, o lugar é um ponto de significados construído por meio da experiência e do afeto. O primeiro, contudo, pode transformar-se no segundo no momento em que há um vínculo entre os atores sociais em um específico período de tempo, em um ponto físico determinado, proporcionando um sentimento de pertencimento.

Remete-se aqui também a De Certeau (1984), ao trabalhar o conceito de espaço como um “lugar praticado”, em que a rua planejada, tratando-se especificamente da Candelária, para a circulação de pedestres, bicicletas e motos é transformada em espaço de confraternização pelos moradores.

Há gente, contudo, que prefere se reunir na casa de amigos. O grupo de Jefferson, fundador da *Candenews*¹¹ e da primeira *lan house* da comunidade, já sabe: depois de uma semana de trabalho, é sagrado. Cada um contribui com um pouquinho para a confraternização, em que o objetivo é colocar a conversa em dia, sem pressa, em ritmo lento, aproveitando o momento. Para Santos (2008), esse espaço compartilhado no cotidiano pode ser visto como uma forma de resistência à globalização, na medida em que mantém preservados os valores internos de um determinado grupo social. “Hoje já tem uma

¹⁰ Trecho de entrevista de Deise, comerciante e moradora da Candelária, realizada em maio de 2013.

¹¹ *Candenews* era um serviço de envio de mensagens via SMS, em que os donos de celulares cadastrados, moradores da Candelária, recebiam informações de utilidade pública, recados e notícias locais. O serviço acabou depois que a empresa telefônica descobriu a realização da atividade ilegal.

cultura... [...] Toda sexta-feira, quando acabam as atividades, a gente compra umas cervejas, uns salgadinhos e fica batendo papo, conversando... [...] até meia noite”¹².

Percebe-se, no relato de Jefferson, que, após uma semana de trabalho, “conectado”, ele retorna às suas raízes, encontra os amigos para colocar o papo em dia, sem a correria do cotidiano. O fundador da *Candenews* se apropria do novo, mas, ao mesmo tempo, mantém a herança cultural de se reunir com os amigos e de partilhar assuntos da comunidade.

A Candelária é o espaço original que impulsiona a caminhada mas que, ao mesmo tempo, é um refúgio, um amparo. Nota-se que o ator social circula pela cidade, tem acesso às informações, mas sente necessidade de retornar às origens. Esse caráter paradoxal do movimento que rege a existência, Maffesoli (2001) nomeia enraizamento dinâmico.

Todo mundo é de um lugar, e crê, a partir deste lugar, ter ligações, mas para que este lugar e estas ligações assumam todo o seu significado, é preciso que sejam, realmente ou fantasiosamente, negados, superados, transgredidos. É uma marca do sentimento trágico da existência: nada se resolve numa superação sintética, tudo é vivido em tensão, na incompletude permanente (MAFFESOLI, 2001, p.79).

No próximo item deste artigo, abordar-se-á algumas particularidades bem interessantes que puderam ser observadas durante este trabalho de pesquisa, como, por exemplo, moradores que mantêm culturas de seus antepassados provenientes de Minas Gerais, como o cuidado com a casa, com a limpeza, a preocupação em valorizar a instituição familiar, em respeitar os mais velhos e em educar os mais jovens. Por esses e outros motivos que eles se consideram diferentes em relação às outras partes do morro.

Candelária: a Zona Sul da Mangueira

Todo dia, por volta das seis e meia da manhã, Seu Macumba varre parte da Rua Graciete Matarazzo em frente à sua lojinha. É quase um ritual. Ele abre seu comércio, coloca as mercadorias em bancas na calçada e logo pega na vassoura. O idoso não espera pela chegada do gari que cuida da limpeza de ruas e becos da comunidade.

O exemplo acima apenas simboliza uma das peculiaridades dessa localidade: o cuidado com a limpeza das ruas que se estende também às construções, como explica Deise Louzada.

¹² Trecho de entrevista concedida a João Maia por Jefferson, o fundador da *Candenews*, em maio de 2004.

Eu digo que a Candelária é a Zona Sul da Mangueira, porque nós sempre gostamos de limpar as calçadas, pintar as casas, sempre fazer algumas coisas nas ruas e, em outros lugares que você passa, você não vê isso. A Candelária é diferente.¹³

Kely Louzada corrobora o pensamento de Deise e apresenta detalhes sobre as diferenças da Candelária em relação às outras partes do complexo de favelas da Mangueira.

[...] A gente se sente diferente porque aqui tem as melhores casas, a gente sempre teve capricho de construir a casa e embolsar [sic], pintar, organizar, fazer uma coisa bacana. É diferente dos outros lugares. É óbvio, a pessoa precisa de moradia, ah botou a laje ou botou a telha, vamos mudar, aqui não, a gente se aperta daqui, a gente se aperta dali, mas as casas são bacana [sic].¹⁴

Ao tomar conhecimento das narrativas desses atores sociais, é apropriado trazer o conceito de pedaço, trabalhado por José Guilherme Magnani. Pela perspectiva do autor, quando o espaço ou segmento dele torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de “pedaço”. (1996). Magnani utiliza esse conceito ao mencionar os espaços de lazer em São Paulo, no entanto pode-se aplicá-lo à Candelária na medida em que é uma sublocalidade, ou melhor, um pedaço dentro do complexo de favelas da Mangueira que, conforme os relatos apresentados, se diferencia bastante dos demais.

Ainda permanecendo na linha de raciocínio do autor, é no pedaço que se desenvolve uma rede de sociabilidades marcada por relações familiares e de vizinhança ou por práticas cotidianas compartilhadas.

É nesses espaços onde se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais. [...] Desta forma, o “pedaço” é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para seu exercício e fruição. (Magnani, 1996, p. 13).

Durante as narrações de moradores, nota-se uma rixa marcante entre o pessoal da Candelária e os moradores do Buraco Quente, região que sedia a quadra da escola de samba Estação Primeira de Mangueira. Os motivos dessa rivalidade são antigos... “Acho que é uma rixa antiga, né? Que tinha contra lá, contra aqui... [...] Quando a gente vai lá no outro

¹³ Trecho de entrevista de Deise, concedida em maio de 2013.

¹⁴ Trecho de entrevista de Kely, realizada em outubro de 2013.

lado do Buraco Quente, perto da quadra, eles já ficam olhando a gente. Quando eles vêm aqui, é a mesma coisa.¹⁵

Desavença que faz parte das histórias miúdas desses atores sociais os quais constroem esse mosaico de narrativas que se chama Candelária. Deise Louzada é uma dessas pessoas; apaixonada pelo local em que vive, afirma que vivencia essa rivalidade desde a época de sua juventude, ou seja, há quase três décadas.

Nós sempre fomos muito grudados um com o outro, se um brigava com alguém do Buraco Quente, a Candelária inteira ia para lá, pra poder bater no povo do Buraco Quente. Tem sempre essa rixa, por falarem que a Candelária é a Zona Sul da Mangueira. Eles não aceitam muito isso. Aqui a gente gosta de valorizar a nossa cultura e de onde viemos, lá [Buraco Quente], eles gostam só de falar da Escola de Samba. A Mangueira não se constitui só da Escola de Samba, ela tem suas raízes, suas histórias.¹⁶

Percebe-se que há um sentimento de proteção entre os integrantes do seu pedaço, ou seja, a Candelária, em relação aos moradores do Buraco Quente. Portanto pertencer a esse grupo implica o cumprimento de regras de lealdade (Magnani,1996). Além disso, há uma sensação de hostilidade que paira no ar entre essas partes da comunidade.

Pessoas de “pedaços” diferentes, ou alguém em trânsito por um “pedaço” que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois todo lugar fora do “pedaço” é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo. (Magnani, 1996, p.116-117).

Mas quais serão os motivos que fazem os moradores da Candelária se sentirem e se perceberem diferentes em relação aos ocupantes de outras partes do morro? A líder comunitária Kely Louzada tem uma hipótese:

Aqui, na Candelária, a gente se acha diferente, mas eu acredito mais por causa de educação, por causa da educação que tivemos, por causa do tratamento que nós recebemos dos nossos familiares, dos nossos vizinhos. [...] Aqui foi o lugar que teve a primeira creche, uma boa creche, uma boa igreja, escola municipal, estadual, porque a gente morava perto da Quinta; era o luxo morar perto da Quinta da Boavista. E aqui a gente se respeita bastante. Eu fui fazer um trabalho no Buraco Quente, eu passei três meses lá. As pessoas de lá não são diferentes da gente, só que eles foram acostumado [sic] duma maneira diferente, é aquela coisa de gritaria, aquela coisa de ser mais violentos, mas eu acho que é por causa da cultura do lugar, onde a violência reinava com mais força, onde tudo reinava com mais força; então, eu acho que é muito do que a pessoa passa. Então, vai crescendo com aquela ideia de que eu tenho que ser sem educação, eu tenho que ser assim. Aqui a gente se preocupa com um espaço desse [biblioteca da Associação Meninas e Mulheres do

¹⁵ Trecho da entrevista de Seu Rubinho, realizada em julho de 2013.

¹⁶ Trecho da entrevista de Deise, concedida em maio de 2013.

Morro] pra gente levar cultura, valores pras crianças que tão vindo agora e os outros lugares do morro. Eu acho que as pessoas não têm essa preocupação, porque, como viveram assim mais próximo da violência, do tráfico, então eles se preocuparam muito em cuidar de si, não tiveram tempo de experimentar um espaço desse.¹⁷

Além da educação recebida por parentes, a valorização da instituição familiar também foi apontada como um dos pilares de sustentação dessa diferença defendida e verbalizada pela comunidade.

Aqui, as pessoas são mais família, elas se encontram, têm aquele sentimento de um ajudar o outro. Por ser família, as pessoas ficam mais preocupadas com a educação dos filhos, entendeu? E é coisa que a gente não vê em certas partes; as crianças ficam mais jogadas, as crianças não têm esse acesso, esse cuidado da família, que esse lado aqui tem. E eu acho que esse cuidado da família influencia na personalidade das crianças.¹⁸

E como esses valores surgiram na Candelária? Que influências foram assimiladas para desenhar esse cenário sociocultural? De acordo com relatos, o embasamento partiu de gerações oriundas de Minas Gerais, que trouxeram para a região tradições e culturas das cidades natais.

Eu acredito que sim, eu acredito que quem veio para cá já trouxe uma bagagem de Minas, trouxe para cá, enraizou, ficou e foi crescendo. Tipo a minha família Louzada; nós somos quase 900 pessoas só no Parque da Candelária. Então é muita família, que aí um casa com Elias, que casou com Gomes, que virou Silva, Lousada com S, Louzada com Z, foi uma mistura muito grande, então eu acho que eles vieram pra cá e trouxeram só coisas boas.¹⁹

Vale ressaltar que as famílias com os sobrenomes Louzada, Elias e Gomes, provenientes de cidades de Minas Gerais, foram as primeiras a habitar a área da Candelária, de acordo com relatos de moradores.

Pela perspectiva desses atores sociais, descendentes ou não das famílias citadas, esses valores enraizados, defendidos e passados de geração em geração até os dias de hoje dentro da Candelária, têm total relação com as primeiras famílias provenientes de localidades mineiras.

¹⁷ Trecho da entrevista de Kely, realizada em outubro de 2013.

¹⁸ Trecho da entrevista de Tuca, concedida em maio de 2013.

¹⁹ Trecho da entrevista de Deise, realizada em maio de 2013.

Ah, muito. Porque, hoje em dia, as pessoas acham incrível que eu dô [sic] bença [sic] ao meu tio, mas é uma cultura da nossa família, de passar e dá bença [sic]. [...] A gente ensina que criança tem que dar bença [sic], isso veio deles. Ai da gente se a gente passasse perto de um mais velho e não desse bença [sic]. Volta aqui, você não tem doutrina? Quem é você? E a gente passava vergonha em qualquer lugar, então era melhor você ser educado por natureza do que a vida ensinar você a ser educado, e a gente foi crescendo assim, acho que as pessoas foram crescendo assim, de pai passar pro filho. Eu ensinei que o Thomas [seu filho] tem que sair da minha casa, ele tem que dar bença [sic] pros meus parentes. Eu ensinei pra Flávia [sua filha] que ela tinha que sair da minha casa e dar bença [sic] pros meus parentes. Hoje, ela ensina o filho que ele tem que dar bença [sic] aos parentes. Eu acho importante a gente continuar com essa educação, porque, senão, aonde a gente vai parar? Em algum lugar tem que ser diferente dos outros lugares.²⁰

Nota-se pelo relato de Kely, a preocupação em manter viva a tradição de respeito e reverência pelos familiares mais velhos, tanto que ela fez questão de passar esses valores para os filhos, que repetem para a geração seguinte.

Considerações Finais

Percebe-se pelas narrativas desses moradores, o orgulho de pertencer a essa comunidade, sentimento encontrado nas palavras, nos gestos e nos olhos desses atores sociais que brilham ao falar da Candelária. Segundo eles, esse território (Haesbaert, 2004) possui peculiaridades que não são encontradas em nenhum outro lugar (Tuan, 1983), nem mesmo fora do complexo de favelas da Mangueira. Tanto que para alguns desses atores sociais, sair da comunidade é uma ideia totalmente descartada, mesmo que ganhassem um prêmio milionário. Segundo eles, poderiam ampliar as casas, realizar reformas, mas permaneceriam ali.

Esse pedaço (Magnani, 1996) em que as pessoas possuem vínculos emocionais, afetivos, que passam por conflitos, que se harmonizam, mas que, ao mesmo tempo, o espírito de “um por todos, todos por um” reina independentemente se o momento é festivo ou de dificuldades.

Outro fator muito marcante em relatos orais desses sujeitos é a sensação de pertencimento, ou seja, a Candelária é uma grande família, em que as pessoas são solidárias, se ajudam mutuamente, seja para tomar conta de um filho de um vizinho

²⁰ Trecho de entrevista de Kely, realizada em outubro de 2013.

enquanto a mãe sai para trabalhar, seja para ajudar na compra de um botijão de gás, como também para se confraternizar em momentos cotidianos ou em datas especiais.

Durante a pesquisa de campo realizada na comunidade, no período de abril a outubro de 2013, pode-se presenciar vários momentos em que moradores se reuniram, cada um contribuindo com o valor que podia, para promover festas comunitárias, para ajudar como mão de obra na pintura da casa de um vizinho ou para levar um morador idoso ao médico.

É evidente no cotidiano desses atores sociais a valorização do grupo em detrimento do individualismo, característica da contemporaneidade. Essa ideia elencada em várias obras de Maffesoli (2001, 2010), faz-nos lembrar que o individualismo tão pregado na modernidade já não se aplica, como, por exemplo, nesse grupo social.

Vale acrescentar que alguns moradores da Candelária defendem que várias tradições provenientes do estado de origem, Minas Gerais, são passadas de geração em geração dentro da comunidade, mesmo com algumas adaptações, atualizações em relação ao passado. É o que alguns autores nomeiam de cultura tradicionalista. Pode-se citar como exemplos, a culinária, as festas populares com roupas e danças típicas.

É importante abrir um parêntese e relembrar o contexto histórico dessa comunidade. A ocupação da Candelária começou no início do século XX, principalmente por migrantes mineiros que vieram para o Rio de Janeiro em busca de oportunidades de emprego em fábricas que funcionavam na Rua Visconde de Niterói, na zona norte da cidade. Como esses operários não possuíam recursos para pagar uma moradia, acabaram ocupando, construindo pequenos barracos no morro que ficava próximo aos locais de trabalho. Além da busca pelo emprego, eles trouxeram na bagagem culturas, manifestações folclóricas e muitas histórias. Essa é a versão contada e recontada pelos moradores da região.

Nota-se que este artigo é apenas um pequeno recorte de um universo rico e fascinante desse lugar chamado Candelária. Muitos outros temas de interesse acadêmico estão ainda por ser pesquisados em investigações futuras.

Referências

BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas.** São Paulo: EDUSP, 2006.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do cotidiano 1: artes de fazer.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DOSSE, F. **A História em Migalhas dos Annales à Nova História.** Bauru, SP: EDUSC, 2003.

ESCOSTEGUY, A. C. **Estudos Culturais: uma introdução.** In: SILVA, Tomaz T. (org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

HAESBAERT, R. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade.** Porto Alegre, 2004.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HUNT, L. **A Nova História Cultural.** 2. ed, São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LEFEBVRE, H. **La Production de l' Espace.** Paris: Anthropos.1986.

MAFFESOLI, M. **Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

_____ **O ritmo da vida: variações sobre o imaginário pós-moderno.** Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____ **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

MAGNANI, J. G. C.; Torres, L. de L. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.** In: MAGNANI, J. G. C.; TORRES, L. de L. (org.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana.** São Paulo: EDUSP, 1996.

PESAVENTO, S. **História & História Cultural.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico- Científico – Informacional.** 5. Ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2008.

TUAN, Y. F. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** São Paulo, Difel, 1983.

